

Decodificando *O Código Da Vinci*

O Desafio do Cristianismo Histórico Diante da Fantasia Pós-moderna

por N. T. Wright

Artigo original em inglês publicado na revista:

Seattle Pacific University, Response,

Summer 2005, Volume 28, Número 2,

<http://www.spu.edu/depts/uc/response/summer2k5/features/davincicode.asp>

Permitam-me dizer logo que é um grande prazer estar aqui em Seattle e não gratos minha esposa e eu estamos por sua recepção e hospitalidade e para com aqueles que trabalharam duro para preparar este evento. Eu estou entusiasmado com a grande atenção dada aqui para a questão que me parece de alta prioridade para a igreja cristã em nossos dias – a de se engajar na cultura contemporânea e assim transformar o mundo – com esperança na força do Espírito Santo e para a glória de Deus e para o benefício de todos os seres humanos em toda parte.

Isso parece um projeto grandioso, mas corresponde bem à tarefa apostólica descrita no Novo Testamento. E justamente um dos problemas com o *bestseller O Código Da Vinci* de Dan Brown é que ele tira a atenção dessa tarefa maior e, em convivência com certos aspectos negativos da cultura contemporânea, não tem interesse real em transformar o mundo, mas simplesmente em reorganizar as prioridades espirituais aparentes das pessoas. Mais sobre isso adiante.

A tarefa de se engajar na cultura com o evangelho cristão e assim trabalhar para mudar o mundo sempre inclui três elementos. Primeiro, devemos falar de modo confiável sobre Jesus de Nazaré, e explicar como é que podemos descobrir quem Deus é ao olhar para ele. Segundo, devemos fazer isso em completo engajamento com o mundo de nossos dias, entendendo seus altos e baixos, suas modas e suas loucuras, os lugares onde ela capta as coisas de modo gloriosamente correto e os lugares onde ela capta as coisas de modo gloriosamente errado. Terceiro, devemos estar preparados para refutar – isto é, apresentar uma refutação racional, não apenas dizer que discordamos – os conceitos equivocados populares que deixam as pessoas com idéias confusas e mal-dirigidas sobre Jesus e sobre a natureza da fé cristã. E o ponto sobre *O Código Da Vinci* é que ele suscita todas essas questões simultaneamente. Uma das questões fascinantes sobre o livro é: por que ele é tão popular? Não pode ser apenas por prender a atenção; há vários desse tipo por aí. Onde ele se encaixa em nossa cultura? Em que sentido ele diz coisas que tantas pessoas estejam tão ansiosas para ouvir? Uma vez que muitos leitores podem ver quão fantásticas são suas teorias de conspiração, por que eles ainda querem acreditar em algumas de suas alegações mais extremas e bizarras, ou, pelo menos, ficam receptivos a elas? Eu acredito que o livro, de fato, representa uma verdade quintessencial de onde uma parte significativa de nossa cultura, não apenas aqui na América do Norte mas também no Reino Unido, desesperadamente deseja estar. É por essa razão, não apenas porque o livro é bem conhecido ou porque perpetua algumas das idéias populares atualmente, mas que, em última instância, são idéias tolas sobre Jesus, que eu quero, na palestra desta noite, me

aprofundar para além do burburinho a respeito do livro até suas questões centrais.

1. Diferenciando Fato e Ficção

É uma característica bem conhecida da cultura de hoje que algumas pessoas não consigam diferenciar fato e ficção. Não faltam relatos de pessoas que acreditam que os personagens nas novelas são reais, incluindo casos em que milhares de roupinhas de bebê foram enviadas a estações de rádio depois que alguma das personagens fictícias deu à luz e casos em que atores foram atacados na rua por pessoas irritadas com o mau comportamento de seus personagens. Dentro de uma subcultura pretensamente cristã, a mesma coisa se torna grave, como quando milhões que leram a série *Deixados para Trás* realmente acreditam não apenas no “arrebato” como um elemento central de sua teologia mas também nas ideologias socio-políticas fortemente ressaltadas pela série. Em certo sentido, Dan Brown representa o reflexo invertido de LaHaye e Jenkins, reproduzindo em forma de ficção alguns dos mitos do mundo pós-moderno, assim como LaHaye e Jenkins reproduzem em forma de ficção alguns dos mitos da direita fundamentalista.

A realização de Brown, de fato, é tão espetacular que é difícil não lhe reconhecer o mérito por seus recém adquiridos milhões. Ele pegou um conjunto de idéias e reconstruções históricas especulativas, cada uma altamente implausível por si mesma, e, ao juntá-las, não apenas criou uma narrativa excitante, apesar de ultra-fantasia e de suas caracterizações artificiais e estereotipadas, mas também fez com que os vários elementos implausíveis parecessem, por um momento, como se pudessem ser verdade. É importante, portanto, começar com alguns comentários sobre onde o livro se encaixa dentro de uma longa história desse tipo de especulação e com algumas observações óbvias sobre a separação entre fato e ficção, antes de chegar ao núcleo da questão.

O livro de Brown é, na verdade, simplesmente o último de uma longa seqüência. Ele é fortemente dependente de Michael Baigent e Richard Leigh – e há rumores de que está sendo processado por eles – autores do livro *Holy Blood and Holy Grail**, um livro de fantasia publicado na década de 70. Eles pegaram a antiga lenda do Santo Graal, repleta de contos de mistério e segredos medievais, do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, de evangelhos secretos e pergaminhos ocultos, de Cavaleiros Templários e membros da Ordem Rosa-Cruz e deram à coisa toda um novo desdobramento: o “Santo Graal” não era, afinal, o cálice usado por Jesus na última ceia, mas sim o receptáculo no qual, não o sangue de Jesus na forma do vinho, mas a linhagem sangüínea de Jesus na forma de uma família, de descendentes, foi colocada e pode ainda ser encontrada. Em outras palavras, Jesus teve um filho; e o filho teve filhos; e a família ainda perdura, carregando o segredo que destruiria o mundo do cristianismo tradicional, bem como do catolicismo tradicional. (Todos os trabalhos neste gênero têm nas entrelinhas a crença de que a principal corrente do cristianismo é baseada em um erro e que ela se protege escondendo a evidência em contrário.)

* No Brasil, lançado com o título “*O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*”. (Nota do tradutor)

Houve outros lançamentos estrondosos similares nas últimas décadas. A australiana Barbara Thiering conseguiu breve notoriedade com seu livro *Jesus the Man*, baseado em uma suposta decodificação extraordinária dos Manuscritos do Mar Morto e mostrando, mais uma vez, que Jesus tinha sido casado com Maria Madalena. Thiering acrescenta o desdobramento de que eles se divorciaram e que Jesus se casou novamente. Ninguém leva Thiering a sério, exceto programas esporádicos de rádio e de televisão e, presumivelmente, seu editor e o gerente de sua conta bancária. Houve então um livro chamado *The Tomb of God*, de Richard Andrews e Paul Schellenberger, publicado em 1997, propondo que o corpo de Jesus está enterrado em uma montanha no sudoeste da França. Eles usaram os suspeitos normais: os Manuscritos do Mar Morto, os evangelhos gnósticos, os membros da Ordem Rosa-Cruz, os Cavaleiros Templários, símbolos e códigos escondidos em pinturas medievais e, acima de tudo, a Grande Conspiração Católica para encobrir isso tudo que revelaria o sistema de poder e controle que a igreja construiu. (É claro, todas estas teorias de conspiração ganham força extra pela forma, agora notória, pela qual a Igreja Católica Romana, de fato, encobriu todo tipo de escândalo nos últimos anos.)

Neste ponto, podemos notar algumas coisas: todos os livros desse tipo que eu mencionei até agora parecem estar convencidos de que o Cristianismo tradicional pensa em Jesus basicamente como um ser divino, sustentando o poder político da igreja, e que, por outro lado, as tradições secretas o vêem simplesmente como uma figura humana; mas, ao mesmo tempo, eles não conseguem perceber o problema; a saber, que se eles estiverem corretos, fica difícil explicar o surgimento do Cristianismo, em primeiro lugar. Se o corpo de Jesus está enterrado ao pé de uma montanha na França, por que alguém pensaria que ele era divino? Se ele era um mestre que se casou, teve filhos, se divorciou e se casou novamente, o que há de tão especial sobre ele? Eu acho que em muito desse material o que está realmente acontecendo é uma reação contra uma versão popular e de muito baixo nível do Catolicismo Romano, na qual certas coisas são ensinadas sobre a natureza essencialmente não bem humana de Jesus e sobre a autoridade absoluta da igreja que teólogos católicos sérios rapidamente repudiariam. Sendo assim, os livros pertencem ao contexto de uma subcultura que continua a basear sua identidade na religião provinciana da qual escapou, produzindo fantasias elaboradas para assegurar que sua fuga será permanente.

Mas não deixam de ser fantasias. Brown alega, em uma nota no começo do livro, primeiro que os detalhes arquiteturais dos lugares citados são corretos e segundo que realmente há uma sociedade secreta chamada “O Priorado de Sião” à qual pessoas como o próprio Da Vinci, Isaac Newton, Victor Hugo e outros pertenceram. Pode-se mostrar, muito facilmente, que ambas alegações são falsas. Sobre a primeira: eu conheço apenas uma das construções caracterizadas no livro, a saber, a Abadia Westminster. Tudo bem, Brown sabe onde fica o monumento de Isaac Newton. Mas ele ainda comete erro após erro que poderiam ser corrigidos em 10 minutos de caminhada com os olhos bem abertos. A Abadia tem torres, não espirais. Não se consegue ver o Parlamento a partir do St James’s Park. College Garden é um lugar extremamente privado, não “um local muito público” fora dos muros da Abadia (527). Não se consegue olhar dentro dele a partir do Chapter House; nem há um “longo hall”

indo até a escada, com uma “pesada porta de madeira” no final (529ss). Dez minutos de observação de um assistente de pesquisa junior teriam arrumado isso tudo. Se Brown é tão pouco cuidadoso, e pouco criativo, a respeito de detalhes tão fáceis de checar como esses, por que deveríamos confiar nele em outra coisa qualquer? E, segundo, sobre “O Priorado de Sião”, os documentos que Brown, seguindo Baigent and Leigh, cita como evidência, foram forjados por três franceses malucos nos anos 50. Eles, zombeteiramente, confessaram isso em um programa de televisão bombástico na televisão britânica em fevereiro deste ano. E quanto à teoria de Brown sobre a “Última Ceia” de Da Vinci, segundo a qual o discípulo amado perto de Jesus é na verdade uma mulher, que ele/ela e Jesus estão unidos na cintura, que eles estão sentados de forma a representar a letra V, aparentemente um sinal de feminilidade, e também a letra M, para Maria, ou Madalena, ou matrimônio, ou qualquer outra coisa, isso é pura fantasia. Pode-se pegar qualquer grande pintura e brincar este tipo de jogo com ela. Isso não quer dizer que pintor algum tenha implantado mensagens secretas em seus trabalhos. Seria surpreendente se não o fizessem. Mas você não encontrará muitos críticos de arte sérios concedendo à leitura da pintura por Brown mais do que um sorriso passageiro.

Não faltam outros detalhes que fazem um historiador do primeiro século passar mal e querer jogar o livro na fogueira. Aparentemente, não apenas Judá, mas também Benjamin iniciou uma dinastia real, e Maria Madalena era parte dela (334ss). A inovação cristã do domingo como dia de reunião para adoração foi aparentemente parte das reformas de Constantino – a despeito de 1 Coríntios 16:1 e outros textos antigos. Nada no Cristianismo foi original, segundo Brown; é tudo um pastiche sincretista de cultos pagãos antigos. Os tesouros do Graal poderiam conter o documento conhecido como Q, que até o Vaticano acredita existir. “Alegadamente, é um livro de ensinamentos de Jesus, possivelmente escrito por sua própria mão” (343). Isso tudo é exposto, no livro, por um inglês louco; até me ocorreu que, talvez, ao fazê-lo tão obviamente resumir em dois livros uma biblioteca, e revelando-o no final como um vilão, Brown estava tentando se distanciar do que ele diz, mas isso, eu temo, seria sutil demais. Quando questionado sobre o ponto de diário de Jesus, o inglês louco diz: “Por que não teria Jesus mantido uma crônica do Seu ministério? A maioria das pessoas o fazia naqueles dias”. Qualquer possibilidade do leitor de cair na gargalhada neste ponto é impedida pela frase seguinte: “Outro documento explosivo que se acredita estar no tesouro é um manuscrito chamado *Os Diários de Madalena* – o relato pessoal de Maria Madalena de seu relacionamento com Cristo, Sua crucificação e seu (dela) tempo na França”. O que é talvez mais tocante sobre isso tudo é a insistência de Brown de manter o S maiúsculo para as palavras Seu/Sua em todas essas frases – embora seja justamente neste ponto que desejamos forçar a questão: se Jesus foi o que Brown afirma que ele foi, por que alguém, naquela época ou depois, imaginaria que Jesus era divino? Por que seguiu-o ao invés de outro mestre qualquer?

Assim, seguramente, podemos concluir que *O Código Da Vinci* é ficção não apenas em seu roteiro e personagens mas também na maior parte dos outros detalhes. Mas sua importância real está em outro ponto: em sua afirmação, ainda que parcial e algumas vezes contraditória, do “mito das origens cristãs”, mito liberal-americano corrente, o qual é largamente aceito, e até ensinado, em muitas igrejas e seminários, e

que parece estar ganhando popularidade na Grã-Bretanha também. Esse mito deve ser visto pelo que é. Dedicarei a seção central desta palestra a descrevê-lo e mostrar que ele contém erros em todos os seus pontos.

2. O Novo Mito das Origens Cristãs

O mito que vou descrever e criticar é bem conhecido e divulgado. Tenho encontrado tal mito em Harvard; também em igrejas batistas no Sul; tenho visto partes dele por toda a Academia Americana de Religião e pela Sociedade de Literatura Bíblica, o que é muito irônico uma vez que tais sociedades costumavam ser devotadas, em teoria pelo menos, ao estudo supostamente histórico científico das religiões em textos antigos, e esse mito é tudo menos histórico ou científico. Há cinco elementos no mito e *O Código Da Vinci* fornece uma versão não muito detalhada mas clara o suficiente de todos eles.

Esse é o mito: primeiro, havia dúzias, se não centenas, de outros documentos sobre Jesus. Alguns desses documentos vieram agora à luz, como nos livros descobertos em Nag Hammadi no Egito 60 anos atrás. Eles apresentam Jesus mais como um ser humano, um grande mestre religioso, do que como um ser divino. E são esses os livros que nos dão a verdade real sobre Jesus.

Segundo, os quatro evangelhos no Novo Testamento foram produzidos posteriormente com o objetivo de divinizar Jesus e adquirir poder e prestígio para a igreja. Eles foram selecionados, por essas razões, no tempo de Constantino no quarto século, e as muitas vozes alternativas foram cruelmente suprimidas.

Terceiro, Jesus mesmo não era, portanto, nada parecido com o que os quatro evangelhos canônicos descrevem. Ele não pensava que era filho de Deus, ou que morreria pelos pecados do mundo; ele não veio para fundar uma nova religião. Ele era um ser humano puro e simples, que deu algum ensino moral e religioso maravilhoso, e só. E sim, bem pode ser que ele tenha se casado, talvez tido um filho, quando sua carreira foi terminada pela morte.

Quarto, portanto: o Cristianismo como o conhecemos é fundado sobre um erro. A principal corrente do Cristianismo é sexista, especialmente anti-mulheres e mesmo anti-sexo. Seu objetivo era ter, e em alguns lugares o conseguiu, considerável poder social e prestígio, habilitando-o a ser politicamente controlado e conformista. Isso, penso eu, cai muito bem para aqueles que estão fugindo do fundamentalismo ou de certos tipos de Catolicismo Romano.

Quinto, a grande conclusão: é hora de abandonar, como historicamente infundado, teologicamente injustificado, e espiritual e socialmente prejudicial, o quadro de Jesus e das origens cristãs que a igreja sustentou por tanto tempo e voltar à visão supostamente original do próprio Jesus, em termos de entrar em contato com uma forma diferente de espiritualidade baseada na metáfora ao invés da verdade literal, de sentimento ao invés de estrutura, de descobrir o tipo de fé que se considera ser possível acreditar. Isso reviverá a verdade pela qual Jesus viveu e, talvez, pela qual

ele morreu.

Dan Brown adiciona seus próprios toques a esse mito quántuplo: por exemplo, consoante outros escritores recentes, a sugestão de que essa espiritualidade genuína, que Jesus teria nos ensinado caso sua mensagem não tivesse sido encoberta, bem que poderia envolver uma religação com o sagrado feminino. (Como isso realmente funciona em termos de seu próprio roteiro não é claro e o final do livro é um grande anti-clímax. O próprio Santo Graal é, afinal, apenas uma outra metáfora para o amor romântico do tipo menino-encontra-menina?)

Como eu disse, eu tenho encontrado esse mito em várias formas por todo lugar, muito antes de Brown escrever seu livro. Brown, contudo, lhe deu asas, e temo que agora ele esteja voando por todo lugar e confundindo muitas pessoas sobre aquilo que elas podem e aquilo que não podem acreditar. A ironia mais profunda disso é que ele se apresenta como historicamente fundamentado, quando não passa de fantasia; como voltando ao próprio Jesus, embora ele não reconhecesse nada disso; como dando vida à nova voz realmente criativa de Jesus, quando simplesmente oferece uma variação de um padrão bem conhecido da espiritualidade pós-moderna.

Um pequeno ponto a ser esclarecido antes de prosseguir. Brown, assim como outros escritores populares, descreve os Manuscritos do Mar Morto como documentos sobre Jesus. Eles não são isso. Nem Jesus nem o Cristianismo mais antigo são mencionados nesses manuscritos. Mas a questão dos códices de Nag Hammadi é muito mais importante. O que pode ser dito sobre eles? São eles fontes alternativas sérias para as origens cristãs? São eles “os registros cristãos mais antigos”, como o inglês louco de Brown afirma?

Como a maioria dos que escreveram recentemente sobre Jesus em seu contexto histórico, eu examinei cuidadosamente os códices de Nag Hammadi junto com tudo o mais. Eles, e material similar encontrado em outros lugares (o “Evangelho de Maria” não é de Nag Hammadi) representam o que é genericamente chamado “Gnosticismo”, um movimento espiritual multi-facetado conhecido especialmente, não menos a partir dos escritos de seus oponentes, a partir do final do segundo século até pelo menos o quarto século. Central para o sistema gnóstico, que tem muitas variações e muitas contradições internas, é a crença de que o presente mundo de espaço, tempo e matéria é essencialmente maligno, a criação de uma divindade secundária, e que a salvação consistirá na fuga dessa esfera para uma outra aqui e de agora em diante. Gnosticismo ensina que alguns seres humanos, pelo menos, têm dentro deles uma centelha divina que precisa ser descoberta ou revelada, dando a seus iniciados um “conhecimento” secreto, que em grego é *gnosis*, daí Gnosticismo. Isso capacita o iniciado (é normalmente um “ele”) a efetuar sua fuga para um mundo espiritual.

Os livros de Nag Hammadi incluem o assim-chamado “Evangelho de Tomé”, agora bem conhecido, e outras coleções similares de ditos como o “Evangelho de Filipe”. A despeito da moda corrente de preferi-los e até privilegiá-los como nos dando acesso ao próprio Jesus, eu acredito que eles são (a) demonstravelmente tardios

(final do segundo século no mínimo), embora eles possam conter traços de material mais antigo; (b) demonstravelmente derivados dos materiais mais antigos, agora canônicos; (c) demonstravelmente diferentes em teologia desses materiais mais antigos.

Os dois primeiros desses pontos são fortemente contestados, mas meu julgamento aqui é compartilhado por muitos na área. Em especial, “Tomé” tem sido considerado em algumas partes da América do Norte – em nenhum outro lugar que eu saiba – como uma chave importantíssima para ir além dos evangelhos canônicos e entrar em contato com o Jesus real, que é nele descrito (segundo alguns escritores que tomam esta linha) como uma figura muito mais como Buda, um mestre de um caminho espiritual, do que o que alguém imaginaria lendo os evangelhos canônicos. Mas há muitas razões para discordar dessa conclusão. Em especial, como um grande indício de onde as coisas estão fundamentadas, vamos observar a língua do livro. “Tomé”, como nós o conhecemos, está escrito em copta, uma língua egípcia da época. É simplesmente uma coleção de ditos atribuídos a Jesus; e, na versão copta, eles não estão em ordem especial alguma. Mas se nós o traduzirmos para a língua síria, a língua original mais provável da coleção, descobrimos que na língua síria os ditos de Jesus foram arranjados em um padrão cuidadoso com palavras conectoras ligando cada dito ao próximo. E a língua síria em questão e o método de ligar os ditos são muito similares à língua e ao estilo dos escritores que nos são conhecidos por meio da igreja do final do segundo século, não menos Taciano. A grande probabilidade é que a coleção que nós chamamos “Tomé” tenha sido arranjada 200 anos após Jesus e não antes.

O argumento de que a coleção de Nag Hammadi é demonstravelmente derivada de material mais antigo, agora canônico, é mais técnico e não tentarei fazê-lo aqui. Basta dizer que onde há ditos em “Tomé” similares aos ditos nos evangelhos canônicos, pode-se mostrar consistentemente “Tomé” como tendo modificado o material de uma maneira que demonstra um grande passo para fora do mundo do judaísmo do primeiro século, onde devemos situar Jesus, em direção ao mundo do sincretismo do segundo e do terceiro séculos. Isso nos leva ao terceiro ponto, que, é claro, é vital, a saber, meu argumento de que os textos de Nag Hammadi e textos relacionados são demonstravelmente diferentes em teologia de qualquer coisa que podemos com confiança atribuir a Jesus. Aqui os fabricantes de mito insistem que a diferença é esta: Nag Hammadi preserva a teologia original, enquanto os evangelhos canônicos representam uma mudança em direção à divinização de Jesus e, com isso, um movimento em direção à ortodoxia socialmente aceitável contra a religião excitante, dinâmica, semi-gnóstica dos códices.

Mas as diferenças todas indicam que são os códices de Nag Hammadi, não os evangelhos canônicos, que sucumbiram a uma mudança de um ponto de vista antigo para um posterior. Mais uma vez, três pontos a serem feitos.

Primeiro, tais códices indicam um grande distanciamento do contexto *judaico* do ministério de Jesus para algum tipo de ponto de vista platônico. A idéia de Jesus do Reino de Deus vindo sobre a terra como é no céu é transformada em um ensino do

reino que é todo sobre uma espiritualidade privada e isolada. Nos evangelhos canônicos, em vários pontos, Jesus parece chamar seus companheiros judeus de volta a um seguimento genuíno do Deus de Israel e do significado mais profundo da lei judaica; nos códices de Nag Hammadi, o judaísmo, onde ele aparece, se tornou simplesmente parte do problema. Um dito especialmente indicativo em “Tomé” tem Jesus declarando não que se o templo for destruído o mesmo será reconstruído, mas que ele destruirá o templo e ninguém será capaz de reconstruí-lo. O Jesus de “Tomé” é, no melhor dos casos, não-judeu e, no pior, anti-judeu. Isso se encaixa muito bem no Jesus altamente não-judeu inventado por Rudolf Bultmann e seus seguidores e pelo agora defunto “Jesus Seminar”, mas, de forma alguma, em qualquer quadro de Jesus que pode ser produzido pela erudição histórica séria e sóbria.

Segundo, os códices de Nag Hammadi deram um grande passo para longe de um mundo narrativo em direção a aforismos soltos e ensinamentos isolados. Não há tentativa de contar a *história* de Jesus ou mesmo histórias *sobre* ele, ou de ver tal história e tais histórias dentro do contexto da história maior de Deus e do mundo, da história de Deus e de Israel. Eles mostram todos os sinais de terem sido abstraídos daquele contexto, como se alguém passeasse pelas peças de Shakespeare e extraísse todas as grandes frases que não passavam de uma única linha sem tentar mostrar a que local pertencem dentro dos dramas dos quais elas fazem parte.

Terceiro, em especial, eles vêem Jesus não como aquele que, de modo climático e decisivo, morreu na cruz e ressuscitou, mas simplesmente como um mestre. Este é o centro disso tudo. Eles fizeram da mensagem de Jesus não boas *notícias* sobre algo que aconteceu, mas bom *conselho* sobre como se deve reordenar a própria vida. De fato, é claro, o conselho não é tão bom assim. E sobre o lugar de Maria Madalena que, de acordo com Dan Brown e alguns outros escritores, aparece marcantemente nos escritos gnósticos, representando uma figura de deusa, a encarnação do “sagrado feminino”, o Santo Graal, a Rosa, a Mãe Divina? É tudo pura imaginação. (Bem, pelo menos, é imaginação, com certeza.) Maria Madalena é mencionada em precisamente três dos manuscritos de Nag Hammadi (e não “incontáveis referências à união de Jesus e de Maria Madalena” (333)). O “Evangelho de Maria” é o relato de uma visão que joga o mundo material contra o não-material, vendo a Mente como intermediária entre Alma e Espírito. Isso é justamente idealismo platônico padrão; é difícil perceber o que tem a ver com o sagrado feminino, mas é fácil perceber que não tem nada a ver com um movimento profético judaico do primeiro século como o de Jesus. O “Evangelho de Filipe” é onde Jesus beija Maria – mas a idéia de que um beijo era um gesto chave de ligação romântica não sobrevive dois minutos ao nos distanciarmos de Hollywood e irmos para o mundo da antiguidade. Não há o menor sinal, em Nag Hammadi ou nos Manuscritos do Mar Morto, de Jesus se casando com Maria Madalena e tendo um filho com ela. O “Evangelho de Tomé” tem um dito sobre Maria (51:19), no qual “Jesus” afirma que “Maria será salva se ela se fizer homem, porque qualquer mulher que se fizer homem se tornará apta para o reino de Deus”. Dificilmente isso é uma confirmação aberta do sagrado feminino. Se é feminilidade sagrada o que se quer, deve-se buscar em outros lugares, nas várias formas de paganismo, antigas e modernas. Tais formas se tornaram grandemente populares em algumas correntes da Nova Era e do pensamento pós-

modernista. Elas encontraram seu lugar em algumas versões revisadas do Cristianismo ocidental. Mas não têm nada a ver com Nag Hammadi e nada a ver com o Cristianismo mais antigo.

Os evangelhos sinóticos, por sua vez, a despeito de todos os esforços para provar o contrário, ainda são considerados pela grande maioria dos estudiosos como antigos, no máximo escritos 50 anos após a morte de Jesus, possivelmente muito antes. Os documentos do Novo Testamento estão profundamente enraizados no primeiro século. Os evangelhos, por sua vez, são dependentes de tradições muito antigas. O professor Richard Bauckham de St. Andrews, que conhece mais sobre o Cristianismo antigo do que a maioria dos estudiosos juntos, lançará em breve um livro argumentando que há um conteúdo proveniente de testemunho ocular muito mais forte nos evangelhos canônicos do que normalmente se imagina. Os escritores cristãos do início do segundo século conheciam e reverenciavam os quatro evangelhos canônicos, mas não mostram conhecimento de tradições semelhantes às dos escritos gnósticos. Quando o cânon do Novo Testamento foi finalmente decidido, o método não foi selecionar quatro livros arbitrariamente de uma lista de muitas dúzias. Foi reconhecer que esses quatro evangelhos tinham sido conhecidos desde muito cedo como sendo o testemunho chave de Jesus.

Mais especificamente, a divindade de Jesus é já firmemente sustentada por Paulo, 20 ou 30 anos após a morte de Jesus. João e Hebreus – e, de fato, Lucas e Mateus, que são quase tão explícitos quanto eles – foram escritos por volta de 90 d. C., no máximo, possivelmente muito antes. A idéia de que, nas palavras de um dos personagens de Dan Brown, Jesus foi “apenas um bom homem” que “caminhou sobre a terra e inspirou milhões a viverem vidas melhores” é uma trivialização moderna que, para lhes fazer justiça, nem os documentos de Nag Hammadi perpetram. E a sugestão, encontrada constantemente e não apenas em *O Código Da Vinci*, de que Mateus, Marcos, Lucas e João omitiram as características humanas de Jesus e escreveram a história para fazê-lo divino é uma completa inversão daquilo que eles realmente tratam. As histórias dos evangelhos são, é claro, muito estranhas. Mas elas não podem ser reduzidas a um simples conflito entre algo que nós chamamos de “divindade” e algo que nós chamamos de “humanidade”, ou mesmo uma simples combinação de ambos. O Jesus que nós encontramos nos quatro evangelhos canônicos é um ser humano de carne e osso, que toma decisões reais, que se esforça em oração para conhecer a vontade de seu Pai e segui-la até o fim, que chora no túmulo de seu amigo – e que, de modo impressionante, assume uma vocação que, em termos das Escrituras do Velho Testamento que ele conhecia tão bem, significava que ele estava para realizar e ser o que, na Escritura, somente o Deus de Israel consegue realizar e ser. Isso representa a união de divino e humano que não faz sentido a não ser como relato da vida e da mente reais de um judeu do primeiro século chamado Jesus.

Eu argumentei com detalhes, em outro texto, que este retrato de Jesus é, de fato, completamente crível como um retrato de uma figura profética do judaísmo palestino da década de 20 do primeiro século. Nós não precisamos abandonar os evangelhos canônicos para fazer sentido histórico da figura de Jesus. Sim, é impressionante encontrá-lo descobrindo sua vocação messiânica no chamado para

sofrer e morrer por Israel e pelo mundo, tomando sobre si o destino que ele havia predito para a nação que havia recusado o chamado de Deus para ser a luz do mundo. Mais triste que impressionante é notar como tal perspectiva histórica dentro da igreja foi, primeiro, distorcida, depois, rejeitada por alguns por motivos teológicos e então simplesmente ignorada. Você nem imaginaria, pelos textos de Nag Hammadi ou pelos propagadores do mito moderno, que a morte de Jesus era considerada dentro do Cristianismo mais antigo que nós conhecemos, o de Paulo (que é notável por sua ausência do mito na maioria de suas formas), como sendo o centro de tudo, parte da razão chave de ser um cristão, um seguidor de Jesus.

Em especial, a ressurreição de Jesus era central para o Cristianismo mais antigo, mas você nunca saberia disso por meio de Dan Brown ou dos muitos outros escritores que perpetram o mito moderno em suas variadas formas. E a morte de Jesus foi conseqüentemente interpretada, já bem no início do Cristianismo, como (a) o cumprimento das escrituras judaicas, (b) a derrota de todos os poderes espirituais rivais e (c) meio de perdão dos pecados. O Cristianismo mais antigo não era, primariamente, um movimento que mostrava como, ou ensinava, como viver uma vida melhor; isso veio como corolário do ênfase central, que era que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó havia cumprido seus antigos propósitos, havia lidado com os poderes do mal e havia iniciado seu projeto de nova criação no mundo. O evangelho cristão mais antigo, que foi então escrito nos quatro evangelhos canônicos, consistia nas boas notícias, não que um novo ensino sobre sabedoria oculta havia aparecido, capacitando aqueles que o encontravam a melhorar a qualidade de suas vidas aqui ou daqui por diante, mas que alguma coisa havia *acontecido* através da qual o mal que havia infectado o mundo foi derrotado e a nova criação iniciada, e que todos os seres humanos foram convidados a se tornar parte desse projeto ao se tornarem eles mesmos renovados.

Em especial, isso incluía desde o início uma forte crítica política. Não o velho e cansado discurso de esquerda em vestes cristãs, é claro, mas uma crítica mais sutil, mais judaica, mais devastadora: Jesus é Senhor, portanto, César não é. Está lá em Paulo. Está lá em Mateus, em João, no Apocalipse. Se o cânon foi escrito, ou lido, para conseguir apoio político, ele foi dramaticamente mal sucedido. Aqueles que foram jogados aos leões não estavam lendo “Tomé” ou “Q” ou o “Evangelho de Maria”. Eles estavam lendo Mateus, Marcos, Lucas, João e os demais e sendo assim mantidos em um modo subversivo de vida e fé que, saindo do judaísmo apocalíptico, mostrou-se uma ameaça muito maior ao império romano e às visões pagãs de mundo do que a filosofia cínica ou a espiritualidade gnóstica jamais conseguiriam. Por que César se preocuparia com pessoas reorganizando suas espiritualidades privadas? E quando Constantino, frente ao fato de metade do império tornar-se cristão, decidiu seguir a maré, o que a igreja devia fazer? Protestar que seria mais autêntico permanecer uma minoria encurralada e perseguida? Que os cristãos ocidentais confortáveis pensem sobre o que a igreja havia sofrido sob Diocleciano nos anos imediatamente anteriores a Constantino – e o que a igreja está sofrendo hoje em muitas partes do mundo – e se perguntem quem se comprometeu e com o que.

De fato, o mito contemporâneo entende as coisas de forma totalmente errada.

Não é verdade que o Novo Testamento canônico seja conformista política e socialmente, colaborando com o império, e que o Jesus que encontramos nos textos de Nag Hammadi e documentos similares seja subversivo política e socialmente, tão perigoso que teve de ser suprimido. É exatamente o oposto, e isso deve estar entre os pontos mais significativos que temos de reconhecer hoje. Você pode salvar a sua própria consciência ao adotar o Gnosticismo, dizendo para você mesmo quão maligno é o mundo e como você escapará dele de uma vez por todas seguindo um caminho de auto-descoberta e iluminação espiritual. Mas se César vier a saber disso, tudo o que ele fará é ignorá-lo e seguir seu caminho rumo a mais demonstrações de força bruta. E se isso aconteceu no segundo século, podemos ter certeza de que é exatamente o que está acontecendo hoje. Heidegger e Bultmann não puderam impedir Hitler; Derrida e Foucault e seus numerosos discípulos não podem fazer nada para parar os novos impérios de hoje. Certamente, aqueles que estão agora defendendo um novo tipo faça-você-mesmo de espiritualidade, e alegando que Jesus está de alguma forma nisso ou por trás disso tudo, não intimidam no campo de batalha político.

O desafio vem, portanto, no nível de *visão de mundo*. Sim, é claro, a igreja muitas vezes cometeu erros, incluindo suas visões sobre a mulher (onde, basicamente, a igreja não viu o que estava lá no próprio Novo Testamento). Sim, o arranjo de Constantino foi altamente ambíguo; mas eles sabiam disso naquele momento e foi só bem tarde na Idade Média que as coisas ficaram tão desastrosamente erradas. Sim, o Cristianismo fingiu – especialmente no século 20 – que era uma “fé”, algo sem relação com a história. Mas suas raízes históricas são rocha sólida e a fé que se baseia nelas não é um produto pós-modernista do tipo o-que-quer-que-funcione-para-você. Tal fé e a visão de mundo que ela gera são o cerne do desafio com o qual eu quero agora concluir.

3. Conclusão

Permitam-me resumir essa palestra da seguinte forma. *O Código Da Vinci* é um sintoma de algo muito maior, um pára-raios atraindo a eletricidade do mundo ocidental pós-moderno.

Uma das linhas divisórias básicas no mundo ocidental contemporâneo é a linha entre o neo-Gnosticismo, de um lado, e o desafio de Jesus, do outro. Por favor, notem que, a despeito de fortíssimas tentativas de fazer essa linha coincidir com a polarização atual esquerda-direita da política e da cultura americanas, isso simplesmente não funciona. Da mesma forma, não coincide com as polarizações da cultura britânica ou da cultura européia. Assim, qual é essa polarização real e profunda que atravessa nosso mundo?

O neo-Gnosticismo é a filosofia que o convida a procurar dentro de você mesmo e descobrir coisas vibrantes pelas quais você deve então viver. É a filosofia que declara que o único imperativo moral real é ser leal àquilo que você encontra ao se engajar nessa busca interior. Mas isso não é uma religião de redenção. Não é, de forma alguma, uma visão judaica do Deus da aliança que liberta os escravos desamparados. Apela, ao contrário, ao orgulho que afirma “eu sou, na verdade, uma

pessoa maravilhosa, bem no fundo, não importando o que eu pareça exteriormente” – o tema de metade dos filmes e novelas baratas no mundo de hoje. Apela para o estímulo daquele olhar cada vez mais fundo (“encontrar quem eu *realmente* sou”) que é o tema de milhões de livros de auto-ajuda e resulta na validação de centenas de confusões éticas. Corresponde, em outras palavras, àquilo que muitas pessoas no nosso mundo querem crer e fazer, ao invés do desafio duro e extenuante do evangelho muito judaico de Jesus. Parece legitimar justamente o tipo de religião que grande parte da América e boa porção da Europa anseiam: uma espiritualidade do tipo disponível-para-todos e faça-você-mesmo, com um forte, embora ineficaz, apelo de cunho social contra os poderes estabelecidos, e uma atitude do tipo eu-estou-bem-você-está-bem em todos os assuntos religiosos e éticos. No mínimo, com uma exceção: você pode ter qualquer tipo de espiritualidade que você quiser (Zen, cristais, Tai Chi) *desde que não seja Cristianismo tradicional*.

Em contraste, o desafio de Jesus, no século vinte e um assim como no século um, é que nós olhemos para além de nós mesmos e nos juntemos ao projeto que o único Deus verdadeiro iniciou na criação e reiniciou com o próprio Jesus. O evangelho cristão autêntico, que são boas *notícias* sobre algo que aconteceu e que, como resultado, transformou o mundo em um lugar diferente – esse evangelho exige que nós nos submetamos a Jesus como Senhor e façamos com que todas as outras lealdades, amores e auto-descobertas sejam realinhadas sob essa luz. O projeto de Deus e o evangelho de Deus estão fundamentados em história sólida, o contrário da fantasia gnóstica e seus equivalentes modernos. Cristianismo genuíno deve ser expressado em amor auto-doador e santidade radical, não auto-proteção ou auto-descoberta. E vive do novo mundo no qual Deus colocará as coisas em ordem e limpará toda lágrima de todos os olhos, assim como busca o seu cumprimento; no qual todos os joelhos se dobrarão ao nome de Jesus, não porque ele teve um filho em segredo, não porque ele era um mestre de sabedoria interior, não porque ele nos mostrou como entrar em contato com o sagrado feminino, mas porque ele morreu como cumprimento da história do povo de Deus nas Escrituras e ressuscitou como cumprimento dos propósitos redentores para o mundo do mesmo Deus criador; e porque, nessa morte e ressurreição, nós o descobrimos como aquele a cujo nome todo joelho se dobrará, no céu, na terra e debaixo da terra, confessando Jesus Cristo como Senhor para a glória de Deus, o Pai.